

À SOMBRA DO MAL

“O espírito humano está repleto de paixões (...) mas esse espírito infeliz (...) é fecundo em paradoxos que lhe possibilitam usar para o mal o excesso desta paixão transbordante. Nunca acredita estar se vendendo em bloco. Na sua ênfase, esquece que ele está se confrontando com alguém mais astuto e mais forte que ele, e que se lhe entregarmos um único fio de cabelo, o Espírito do Mal não tardará em levar toda a cabeça”.

Essas palavras do genial Charles Baudelaire ilustram uma posição algo parecida com a de Edgar Allan Poe. Não por acaso, pois Baudelaire traduziu muitas obras do escritor americano para o francês. Ora, vimos no artigo anterior (“A Manifestação do Mal”) como Poe chamou a atenção para a problemática inclinação humana para a perversidade. O que se segue é uma tentativa de propor soluções àqueles que desejam, sinceramente, se livrarem da sombra da maldade.

Paulo alertou que os dias são maus, posição evidentemente partilhada por Jesus, que foi além: *“Basta a cada dia o seu mal”* (Mateus 6:34; Efésios 5:16). Essa tendência perversa que permeia a sociedade atual tem sua raiz fincada no íntimo de cada indivíduo. O escritor aos Hebreus adverte para a possibilidade de uma raiz de amargura surgir a qualquer momento e provocar grande perturbação interior. A maldade se ramifica e se fortalece, levando a pessoa à autodestruição. A maneira do mal operar é invariavelmente a mesma: ele intensifica a um grau extremo sentimentos legítimos, próprios da personalidade de cada um. Assim, a ambição, o desejo natural de crescer e prosperar, pode tornar-se ganância; a raiva momentânea transforma-se em ódio mortal permanente, que conduz o indivíduo à vingança. O joio plantado pelo concorrente por inveja cresce e sufoca o fino trigo dos bons sentimentos.

Apenas uma verdadeira transformação, ou renascimento, consegue arrancar a planta daninha de dentro do nosso coração. Note, não basta ser sincero – terroristas suicidam-se com bombas coladas ao corpo, arrastando para a morte dezenas de inocentes, por acreditarem numa causa aos seus olhos justa. A sinceridade por si só não é suficiente: a maldade alojada na mente vai além. Dificilmente o homem sozinho logrará extraí-la de seu ser.

Paulo lutou por muito tempo contra si mesmo, como registrou em Romanos 7: 13-19: *“O bem que quero não o faço, porém o mal que não desejo esse faço”*. O fracasso do apóstolo é patente nessa declaração sincera. Somente a operação da graça divina tornou possível a ele mudar o seu comportamento ambíguo. Mais ainda, trocar a sua disposição maléfica interior para uma natureza renovada – ele se fez “nova criatura”, conforme revelou mais adiante, na carta aos Coríntios. Quando Paulo descobriu o potencial transformador e construtivo da graça de Jesus Cristo, foi capaz de elevar-se além de sua “carne”, isto é, de sua inclinação corrupta inata. Pode, então, voltar-se para as “coisas do Espírito, que são vida e paz” (Romanos 8:6).

O leitor pode absorver em sua mente os ensinamentos do capítulo 8 de Romanos e, a bem dizer, de todos os demais capítulos desta grande carta. A palavra de Deus faz uma verdadeira “lavagem” em sua alma, resultando numa vida de vitória sobre a perversidade.

(Fábio Calza, para o site da Sacred Sound)

A JUSTIÇA DIVINA

O filme "Soberano das Drogas" ("Red Surf") retrata uma situação das mais comuns no mundo do tráfico de drogas. Um chefe do tráfico, em certo local, negocia um novo carregamento com um grupo de rapazes idiotas. O líder dos idiotas consegue acertar o negócio com ele. Porém, um dos idiotas é preso e "entrega" parte do bando do chefe do tráfico à polícia. Por perder muitos comandados e dinheiro, o chefe se irrita e passa a perseguir o idiota delator, exigindo "justiça". Por fim, ele mata quase todo o grupo de idiotas, sempre empunhando o palavório sobre "justiça".

Para o chefe do tráfico, essa era a forma de justiça mais adequada à situação. Mercenários, assassinos e outras "raças de víboras" têm concepções semelhantes sobre "justiça", que consiste quase sempre em destruir os opositores; ou seja, é muito próximo à vingança pessoal. O conceito de justiça é muito relativo, portanto: aquilo que para uma pessoa constitui um ato correto de justiça, para outra pode ser um abuso de autoridade. Para aquele que sofre a "ação justiceira", o procedimento punitivo é um abuso da força, conseqüentemente uma injustiça! Via de regra, não passa mesmo de demonstração de violência, arrogância e exibicionismo pessoal, onde muitas vezes delitos leves são punidos de maneira exagerada. O contrário também sucede: penas desproporcionalmente mínimas para graves crimes. Erros pessoais, às vezes, são castigados publicamente, ou de forma generalizada, atingindo inocentes.

É por tudo isso que Deus não se baseia no falível conceito humano de justiça. No Novo Testamento, a carta de Paulo aos Romanos mostra que a justiça de Deus é uma concepção muito mais elevada, que nada tem de duvidoso. Ela é bem maior que a noção popular de que "Deus castiga o pecador e abençoa o justo". É que, a aceitar esse ditado, imediatamente se levanta uma dúvida óbvia: como saber quem é justo? Por que um é justo e outro é considerado pecador? Quais os critérios para se definir, com clareza, a fronteira entre o certo e o errado?

Como bem demonstrou Gerhard Hörster ao comentar a carta aos Romanos (em seu livro "Introdução e Síntese do Novo Testamento"), justiça é não somente um atributo, mas a própria maneira como Deus se relaciona com seu povo. Ele é um Deus justo na medida em que concede graciosamente ao homem a possibilidade de andar com ele. O povo escolhido pode aproximar-se de Deus, sem culpas, relacionando-se com ele amistosamente, como um filho convive com o pai. Deus é quem concede ao homem o direito de ser justificado. Em outras palavras, ele torna as pessoas justas, para que elas vivam de acordo com sua vontade. E é a confiança em seu filho Jesus que possibilita essa justificação da criatura humana, transformando-a em "filho de Deus". Não é mais a questão duvidosa se uma pessoa é mais "certinha" ou mais merecedora de crédito segundo o julgamento humano, que vai ser o critério para definir quem vai ser salvo. E, embora todos errem e estejam debaixo do pecado, pelo simples ato de confiar na pessoa de Jesus e no que ele fez na cruz já é possível estarmos em paz com Deus e sermos ajudados por ele!

(Fábio Calza, para o site da Sacred Sound)

A MANIFESTAÇÃO DO MAL

"Enganoso é o coração e perverso, mais que todas as coisas - quem o conhecerá?" (Jeremias 17:9)

Na primeira metade do século XIX, o movimento romântico varreu a Europa com seus desvarios subjetivistas e seus escritores egocêntricos a fugir das agonias deste mundo. Uma vertente chamada de ultra-romantismo, ou romantismo gótico, se derramava em lamentos fúnebres, temas depressivos e negativistas - era o Byronismo, que teve no Brasil vários representantes, como Álvares de Azevedo, autor do conhecido "A Noite na Taverna", repleto de personagens decaídos.

No meio dessa turba de poetas renegados, um americano passava ao largo dessa cena obscura. Trata-se de Edgar Allan Poe (1808-1849), célebre criador da poesia macabra. Seus contos esquisitos, beirando o terror, muitas vezes impregnados de ironia cortante e de gente degenerada, definiram o que se conhece por literatura decadente, maldita, precursora do maravilhoso movimento simbolista do fim do século XIX. Em 1845, Poe deu vida ao poema "O Corvo", todo envolto num clima de ausência e horror.

Foi por essa época que, ele jogou às feras o conto "O Demônio da Perversidade", onde dá a entender que os seres humanos têm dentro de si o germe da crueldade, o primitivo instinto ancestral, preservado intacto nas profundezas da alma. Se isso representa o pensamento do autor ou só de seu personagem, nessa história, não vem ao caso. Neste artigo, em que discutiremos essa "tendência" infeliz, note que não estamos nos referindo aos psicopatas (aqueles que reconhecidamente sofrem distúrbios cerebrais), e sim, às pessoas "normais", segundo todas as aparências.

Há pessoas que são extremadas, até ao ponto de nada respeitarem, se estiverem interessadas em alcançar ou obter alguma coisa. Desejando outro posto no emprego, tudo fazem para afastar o que ocupa aquele cargo, não hesitando em prejudicá-lo, se necessário. Agem sob o impulso da ganância, que cobizou aquele lugar pertencente a outrem, e nada mais vêem ou consideram, a não ser tramar manobras iníquas para "puxar o tapete" daquele que é considerado um rival inoportuno, uma pedra no caminho.

O sistema capitalista, no qual estamos todos inseridos, estimula o desenvolvimento desse lado feroz do ser humano, na medida em que favorece a competição e louva a concorrência. Assim, madeireiros acabam com florestas inteiras (como aconteceu recentemente nas florestas equatoriais do sudeste asiático), sem se importarem com as conseqüências danosas que trarão ao meio ambiente e às futuras gerações. A ganância é, sem dúvida, um fator que, se não sofrer um rígido controle, pode levar a ações extremamente malignas. Veja o caso dos que chegam a matar, para roubar um pertence de outrem; traficantes que não se importam em oferecer drogas destrutivas a jovens no começo da vida. Políticos que usam da responsabilidade que lhes foi confiada para roubarem de maneira vil, enganando a população pobre, sem um mínimo de escrúpulo de suas consciências mortas, infectadas que estão pelo vírus da perversidade.

A maldade a que Poe se refere, porém, é de natureza mais profunda. Ela não tem um motivo aparente que a explique, ou que a "justifique"; isto é, não há nada a ganhar, porém, mesmo assim o indivíduo continua a agir perversamente. Esses atos não se restringem apenas aos grandes criminosos, que trucidam pessoas pelo prazer homicida. Você já viu crianças que torturam insetos, só para vê-los sofrer? E os atos de vandalismo, principalmente quando grandes grupos de pessoas se juntam e saem quebrando tudo o que há pela frente? Pois é, maldade pura e gratuita, sem motivo algum. É o extravasar da fera que há dentro do ser humano. Que o digam os games violentos apreciados por adolescentes e que são fabricados pelas grandes empresas, sem nenhum remorso.

As pequenas provocações feitas por um colega em outro na escola ou no serviço, apenas com o único propósito de enervar, de irritar, podem ter sua origem na maldade recalcada nas profundezas do espírito, mesmo que aparentemente sejam atos tão simples e pueris. Quantas

vezes você já viu essa cena, alguém "folgando" com outro? A vítima é levada às raias da loucura, dia-a-dia, sem trégua, até que ela "explode" (isso quando não é levada à depressão ou a uma vida de contínuos receios e medos). As exclamações do tipo: "*Puxa, como fulano é ruim, hein?!*" revelam que aquilo que denominamos "ruindade" pode, muitas vezes, ser a manifestação externa da malignidade embutida no íntimo. Pais que espancam crianças, deformando-lhes a personalidade, reprimindo o seu desenvolvimento intelectual; enfim, são muitos os disfarces que a perversidade de que falou Poe pode assumir no coração da forma de vida mais inteligente do planeta.

Em todos os casos, uma violenta vontade de quebrar gratuitamente as regras, de infringir sofrimentos aos demais (e às vezes até a si mesmo!) e ferir - sim, ferir a Deus, visto com um inimigo poderoso, que precisa ser vencido, em vez de um pai. A alegoria bíblica da serpente no Éden – alguém aí se perguntou por que o Diabo agiu daquela maneira, instigando os seres criados para afrontar o próprio Deus? O primeiro casal não se preocupou com os sentimentos de Deus, mas apenas com os seus próprios e com seu ambicioso projeto – superar a Divindade, através da astúcia. Adão, Eva e o Diabo dividiam o mesmo caráter pernicioso e o único propósito egoísta: "ser como Deus". A semente do mal frutificou plenamente em Caim, aquele que assassinava por inveja, e em seu descendente Lameque, que gostava de matar. Talvez nenhuma outra parte das Escrituras revele tanto sobre o caráter do homem quanto os onze primeiros capítulos do Gênesis em sua narrativa simbólica.

Jesus reconheceu a disposição malévola alojada nos recônditos da mente ao dizer que "*do interior do homem é que procedem os maus pensamentos*". A visão paulina era semelhante em Romanos 7:18, 21: "*Em mim não habita bem algum (..) o mal está sempre comigo, mesmo quando quero fazer o bem*". Como se vê, a velha natureza maléfica persiste até hoje e é a fonte dos atentados terroristas, que ceifam vidas inocentes, e das guerras insensatas. Deus diagnosticou muito cedo o problema: "*A imaginação do homem é má desde a sua meninice*" (Gênesis 8:21)

(Fábio Calza, para o site da Sacred Sound)
